

## **CULTURA DA PUREZA, AUTOGOVERNO DA CARNE E DESIGREJAMENTO: GÊNERO E SEXUALIDADE ENTRE MULHERES EVANGÉLICAS<sup>1</sup>**

**Tatiana Bezerra de Oliveira Lopes**

*Mestranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, bolsista do CNPq, tatianabezerralopes@gmail.com*

**Alinne de Lima Bonetti**

*Professora Orientadora: Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Professora do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, alinne.bonetti@gmail.com*

### **Resumo**

Neste artigo, apresento relatos etnográficos e autoetnográficos sobre os percursos afetivos-sexuais de evangélicas desigrejadas, articulados à noção nativa de “cultura da pureza”. Para tanto, a pesquisa partirá da discussão produzida pelo *podcast Redomascast*, no intuito de justapor as histórias narradas no episódio àquelas encontradas em campo. Como referencial teórico, sigo a perspectiva dos saberes localizados, de inspiração epistemológica associada à antropologia feminista. A trajetória religiosa e o percurso afetivo-sexual da pesquisadora dialogarão com as experiências acessadas, tanto em seu trabalho de campo com as evangélicas desigrejadas, quanto na análise do *Redomascast 72*, intitulado *Cultura da Pureza*. Os relatos etnográficos, e autoetnográficos, aproximam-se entre si na medida em que a noção de cultura da pureza é identificada como um dogma

---

1 Este artigo é parte de um projeto de pesquisa maior, desenvolvido com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

sexual de conduta que localiza o exercício do sexo - heterossexual e monogâmico - dentro do matrimônio. A dicotomia entre pureza versus pecado, afeta de tal modo a produção das identidades de gênero e das experiências sexuais que sofrimentos psíquicos e de ordem sexual são recorrentes nas histórias das mulheres evangélicas. Ao articular a discussão do *podcast* com a pesquisa etnográfica, problematizo as concepções sobre práticas sexuais e masturbação permeadas por sentimentos como medo e culpa. Vaginismo e anorgasmia também aparecem como resultado de um dispositivo de sexualidade operacionalizado por meio do autogoverno da carne e tecnologias de si, de cuidado e vigilância. No caso das evangélicas desigrejadas, as percepções sobre gênero e sexualidades serão apresentadas através das rupturas efetivadas a partir da desinstitucionalização, bem como de suas continuidades.

**Palavras-chave:** cultura da pureza; evangélicas; percursos afetivo-sexuais; conhecimento situado; antropologia feminista

## Introdução

No presente artigo, relatos etnográficos (URIARTE, 2012) e auto-etnográficos (MELLO, 2019) sobre os percursos afetivos-sexuais de evangélicas, serão articulados à noção nativa de “cultura da pureza”. Para tanto, a pesquisa partirá da discussão produzida pelo *podcast Redomascast*, no intuito de justapor as histórias narradas no episódio àquelas encontradas no trabalho de campo da pesquisadora junto a evangélicas desigrejadas<sup>2</sup>.

O episódio do *Redomascast* que estará sob análise é o de número 72, lançado em janeiro de 2021 com o título: *Cultura da pureza*. O *podcast* é uma produção do *Projeto Redomas*, organizado por mulheres cristãs de diferentes regiões do país com uma proposta de “dar visibilidade às narrativas de mulheres que, em algum momento da vida, em alguns espaços cristãos, foram expostas, objetificadas, classificadas e caladas”<sup>3</sup>.

No referido episódio, Rachel Daniel, cineasta e militante da *Frente Evangélicas pela legalização do aborto* (FEPLA), e Silvia Geruza, pastora, cientista da religião e terapeuta sexual, foram entrevistadas por Isadora Nascimento (Projeto Redomas) a respeito de suas percepções sobre como a sexualidade é tratada no universo cristão, mais especificamente protestante/evangélico. Na conversa, Rachel Daniel fala de seu lugar de jovem, evangélica e feminista cristã, comentando suas experiências em torno da sexualidade. Enquanto a especialista traz relatos de sua prática pastoral e clínica com mulheres de fé evangélica.

Inspirada pela discussão promovida pelo *Redomascast*, a pesquisadora passou a articular seu percurso religioso às histórias acessadas em seu trabalho de campo junto a mulheres autoidentificadas como desigrejadas. Sendo assim, a construção deste artigo é atravessada por diferentes caminhos. As narrativas apresentadas aqui partem de um saber localizado (HARAWAY, 1995) que põem em perspectiva os percursos afetivos-sexuais das evangélicas, em especial daquelas em

2 Este é um termo êmico que se refere àqueles e àquelas que não mantêm vínculo institucional com nenhuma igreja evangélica.

3 A descrição do Projeto Redomas está disponível em seu site: <http://projetoedomas.com/quem-somos/> Acesso em 11de maio de 2021

contexto de desigrejamento, problematizadas a partir da concepção nativa de “cultura da pureza”.

A cultura da pureza é aqui entendida como um dogma sexual de conduta que, ao ser operacionalizada pelo cristianismo hegemônico, atua no disciplinamento dos corpos e no autogoverno da carne (FOUCAULT, 2004). A impureza e, por consequência, a pureza, pensadas pela ótica da antropóloga Mary Douglas (1976), estão circunscritas à lógica da “ordem” e “desordem”. Douglas nos conta que: “Em suma, o nosso comportamento face à poluição consiste em condenar qualquer objeto ou qualquer ideia susceptível de lançar confusão ou de contradizer as nossas preciosas classificações” (p.30-31). Nesse sentido, podemos dizer que o livre exercício da sexualidade, bem como o auto-conhecimento do corpo e do prazer por parte das mulheres, desalinha o ideal feminino de “mulher virtuosa” propagado pelo discurso cristão hegemônico.

Para a teóloga feminista Marcella Althaus-Reid “a imobilização das mulheres na Igreja segundo critérios patriarcais produziu uma tradição” (2002, p.101). Althaus-Reid nos explica que tal tradição representa um projeto colonial e heteronormativo, aonde “corpos são ocupados, identidades são fixadas, mulheres são coisificadas e a reflexão sobre Deus trata mais de ideologia que de realidade crítica” (p.100).

Partindo dos referenciais teóricos expostos e de uma antropologia adjetivada enquanto feminista (BONETTI, 2012), que

busca iluminar como a agência humana, as convenções e práticas de gênero, as relações sociais empenhadas em sistemas de distribuição desigual de prestígios e privilégios (Ortner e Whitehead, 1985; Rosaldo, 1995 e Ortner, 1996) se originam, em que formação social estão situadas e quais suas condições de possibilidade (BONETTI, 2012, p.56).

Passamos a olhar para as trajetórias sexuais e os sofrimentos emocionais manifestados pelas interlocutoras. Em casos extremos,

bloqueios sexuais, como vaginismo<sup>4</sup> e anorgasmia<sup>5</sup>, refletem uma educação religiosa permeada por silenciamentos e condenações à sexualidade, seja seu exercício solitário ou em conjugalidade.

## Metodologia

Conforme explicado na seção anterior, este artigo referencia o conteúdo do episódio 72 do *Redomascast*, pensado à luz das narrativas acessadas pela pesquisadora em seu trabalho de campo junto a evangélicas desigrejadas. O relato autoetnográfico da pesquisadora também aparecerá no intuito de dialogar com as múltiplas experiências de mulheres que, em algum momento de sua história, foram membras de igrejas evangélicas brasileiras.

As entrevistas utilizadas na construção desse texto foram realizadas entre outubro e novembro de 2020 e os nomes das entrevistadas são fictícios. Seguindo o Código de Ética do Antropólogo e da Antropóloga, da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), trocamos os nomes reais das interlocutoras, visando preservar suas identidades, assim como suas privacidades. No que se refere ao *podcast*, os nomes e informações declaradas no programa foram mantidos, tendo em vista que seu acesso é público.

## Resultados e discussão

Quando a entrevistei, Sarah (mulher cisgênero, branca, heterossexual, 25 anos, conciliadora judicial e desigrejada) nunca havia transado ou se masturbado. Ela conta que se sente mal instruída quando o assunto é sexualidade. Com sua entrada na universidade seu círculo social se expandiu e ela passou a ter contato com experiências

---

4 De acordo com o discurso biomédico, o vaginismo é uma condição emocional que acarreta dor durante a relação sexual, afetando de 3% a 5% da população feminina. O tratamento varia conforme o caso, mas, em geral, envolve prática de exercícios de relaxamento da musculatura vaginal, técnicas de respiração, inserção de dilatadores e psicoterapia. Fonte: <https://drauziovarella.uol.com.br/sexualidade/voce-sabe-o-que-e-vaginismo/> Acesso em 06 de abril de 2021.

5 Anorgasmia é a incapacidade de chegar ao orgasmo, podendo afetar homens e mulheres. A anorgasmia feminina está frequentemente relacionada a causas psicológicas e a fatores culturais. Fonte: <https://www.minhavidade.com.br/bem-estar/tudo-sobre/34463-anorgasmia> Acesso em 13 de maio de 2021.

diferentes da sua. Foi nessa época que Sarah percebeu desconhecer a anatomia do próprio corpo: “o povo falava em clitóris e eu meu deus, o que é isso?”. Ela prossegue dizendo que se sente desconfortável em pesquisar conteúdos ou pensar em temáticas que envolvem o manejo de seu corpo para o prazer, como o uso do vibrador e se ele se constituiria, ou não, um “pecado”.

Na passagem de Sarah por uma igreja batista, ela diz que sentia falta de discussões sobre sexualidade, pois só casados e/ou noivos tinham acesso a esse tipo de conteúdo, enquanto o restante da juventude recebia orientações “superficiais”. Sarah confessa que foi no intuito de entender como as relações sexuais se desenrolam que acessou conteúdos pornográficos pela primeira vez. Em seu relato, acredita que foi a desinformação que a levou a cometer, o que ela acredita ser, “um pecado”.

Rebeca (mulher cisgênero, branca, heterossexual, 30 anos, pedagoga e desigrejada) já era casada quando nos conhecemos. Ela recordou que foi na igreja, no grupo de adolescentes, que descobriu que a forma como se tocava tinha um nome – masturbação - e consistia em “um grave pecado”. Após essa revelação, comentou ter passado a se “martirizar” pensando que “tudo de ruim na minha vida era por causa disso”. Foram necessários alguns anos até conseguir ficar em paz com Deus e com seu corpo.

Rebeca se casou virgem, mas afirma ter sido por escolha, por um sonho que tinha desde adolescente. Em seu relato, ela diz que não encarava a virgindade como imposição, nem como necessária a sua salvação ante a condenação ao inferno. No entanto, a vigilância partia de sua família que estabelecia regras para evitar que ela ficasse muito tempo sozinha com seu namorado. Rebeca conta que não podia chegar em casa depois das 22 horas ou andar de carro a sós com seu namorado: “O carro era meu. Eu colocava o meu combustível, mas eu não podia andar sozinha com o meu namorado. Porque, Deus me livre a gente ia transar lá dentro do carro! Meu pai tinha esse pensamento”.

Outra interlocutora que compartilha sua experiência com o tema é Miriam (mulher cisgênero, branca, heterossexual, 24 anos, universitária, foi desigrejada). Ela conta que passou por um período em que se sentia “travada”/“paralisada” em seus relacionamentos, ela interpreta que “[...] ao invés de ter tido uma educação [sexual] na base da explicação dos princípios da fé, reflexão bíblica, debate e abrangências do

tema, foi uma educação [sexual] na base do terror. E eu acredito que seja essa a maior causa de me deixar paralisada”.

Miriam segue em seu relato narrando a dificuldade que sentia em beijar sem compromisso, pois foi ensinada que “era muito feio ficar”. Quando pensava em “ultrapassar os limites”, “vinha uma vozinha na minha cabeça me autocondenar”. Anos se passaram entre sua saída da igreja e o começo de sua vida sexual ativa. Ela diz ter experimentado um “peso na consciência” quando deu início a interações sexuais com seu namorado. Quando voltou a frequentar uma igreja evangélica, exercer sua sexualidade a fazia se sentir “péssima”.

Em *Cultura da pureza* do *Redomascast*, Rachel Daniel comenta que foi em um acampamento de jovens que ouviu pela primeira vez que fazer sexo antes do casamento é pecado. Em sua igreja, o silêncio a respeito da sexualidade era o discurso predominante. Até aquele momento, Rachel desconhecia os pecados sexuais e suas assombrosas consequências. Ela conta que o que mais lhe impactou era a possibilidade de perder “a luz” divina se viesse a exercitar sua sexualidade fora do casamento. Mesmo tendo crescido em um contexto onde práticas sexuais não eram constantemente problematizadas, relata ter desenvolvido vaginismo. Rachel correlaciona essa condição emocional aos ensinamentos que recebeu em sua trajetória dentro de igrejas evangélicas.

A outra convidada do *Redomascast* fala a partir de sua posição pastoral na Igreja Betesda de São Paulo e enquanto psicóloga especialista em sexualidade. Silvia Geruza menciona ter se especializado no assunto em razão de receber em sua clínica muitas mulheres evangélicas casadas que sofrem com vaginismo e anorgasmia. Esses transtornos mentais, explica, são frutos da cultura da pureza, imperativa ao meio cristão, que incute na mente das mulheres que o sexo é sujo/impuro.

Embora, pessoalmente, eu não tenha passado por bloqueios sexuais de ordem corporal, como as pacientes de Geruza, minha história dialoga com o que foi apresentado até aqui. Enquanto jovem evangélica (mulher cisgênero, branca, heterossexual, 25 anos, acadêmica e desigrejada), vivenciei sentimentos como medo de desagradar a Deus e culpa por ter desejos sexuais e desenvolver minha sexualidade.

Além da culpa pela busca do prazer, uma convicção me assolava: a gravidez como punição divina, caso viesse a ter relações sexuais fora do casamento. O medo de engravidar, mesmo com toda a proteção

disponível, fez com que a minha sexualidade fosse postergada por alguns anos, mesmo após meu desigrejamento. A certeza de que se transasse engravidaria, era nutrida pela lembrança das histórias contadas nos corredores e banheiros femininos das igrejas, de jovens que haviam feito sexo, engravidado e envergonhado suas famílias e a si mesmas. Ter deixado de frequentar igrejas evangélicas não me libertou desse medo. Foi apenas quando casei que me senti plenamente segura.

Ao contrário de Sarah e Rachel que vivenciaram o silêncio em seu percurso religioso, nas igrejas pelas quais passei, em geral neopentecostais, me deparei com um discurso altamente sexualizado. Em minha experiência, a decisão do “esperar”, foi posta como a única alternativa possível a solteiros e solteiras. Como consequência da quebra desse projeto de vida, o conceito de “ligação de almas”<sup>6</sup> me foi ensinado. Tal como dito por Rachel, o “pacto de sangue” entre parceiros sexuais fora do dispositivo da aliança (FOUCAULT, 2019a), faria a “luz divina” se perder, além de ser uma ameaça a um casamento vindouro. A relação com Deus era, portanto, dependente do cumprimento da virgindade como um projeto de vida. Embora eu ignorasse, esse projeto político e ideológico foi traçado desde o primeiro século do cristianismo (GERUZA, 2012), sobrepondo-se a quaisquer sonhos individuais de felicidade conjugal.

A sacralização do sexo, heterossexual e monogâmico, e o casamento como exercício legítimo da sexualidade, despontam como indicadores de um dispositivo de sexualidade que disserta sobre uma prática sexual entendida como correta e segura. Por essa perspectiva, é o sexo conjugal que agrada a Deus. Tudo o que está fora dele é pecado e, por consequência, impuro e perigoso.

Seguindo a noção de pureza e impureza de Douglas (1976), o livre exercício da sexualidade foi construído pela religião cristã como uma subversão da ordem. Portanto, a categoria nativa de “pureza” pode ser interpretada como uma forma de controle e classificação dos corpos,

6 O ensinamento de que relações sexuais criam um pacto de sangue é corrente na doutrina evangélica neopentecostal. Segundo essa perspectiva, o casal (homem e mulher) torna-se uma só carne a partir do sexo, havendo também uma transferência de espíritos/almas. Nesse sentido, ter relações sexuais, marca a vida espiritual e liga não só os parceiros de uma relação específica, mas aqueles e aquelas que tiveram ou terão relações sexuais com os mesmos.



em especial das mulheres, alvo de ideologias sexuais, de classe e raça que fixam identidades e performances percebidas como normativas (ALTHAUS-REID, 2002).

## Considerações finais

Desde os relatos de sofrimentos experienciados pelas interlocutoras, e das percepções biomédicas da especialista Silvia Geruza de que a “cultura da pureza” favorece o desenvolvimento de bloqueios sexuais, vemos que as mulheres evangélicas acumulam histórias permeadas pela “desinformação”, “peso na consciência”, “medo” e “culpa” em torno da sexualidade. A vigilância também aparece como forma de tolher as liberdades individuais, seja por ordenamentos que escapam as mulheres, seja pela insegurança de vivenciar a sexualidade e receber uma punição divina.

Este artigo parte da compreensão de que nos primórdios do cristianismo foram introduzidas as bases - do que aqui se coloca como “cultura da pureza” -, a partir da “[...] ideia de que a sexualidade deveria ser reprovada, baseado em três noções: a da fornicação que condenava qualquer atividade sexual fora dos laços matrimoniais, a concupiscência e por último a luxúria” (GERUZA, 2012, p. 49 - 50). Ao articular a discussão do *podcast* com a pesquisa etnográfica, o intuito foi justapor as histórias narradas no episódio àquelas encontradas no trabalho de campo, bem como na trajetória pessoal da pesquisadora<sup>7</sup>.

O autogoverno da carne, aliada à noção de técnicas de produção de si, de disciplinamento dos corpos e dos usos dos desejos e prazeres (FOUCAULT, 2019a, 2019b, 2019c, 2020) sinaliza que a educação religiosa evangélica, marcada pela ideia de pecado, está implicada nas experiências de gênero e sexualidades em foco.

Apresentamos que mesmo quando a desfiliação institucional se faz presente, a experiência de ser/estar desigrejada, embora

<sup>7</sup> Pontuamos que as histórias narradas aqui tencionaram dialogar com a concepção de “cultura da pureza”, portanto, trouxemos trechos de entrevistas e relatos autobiográficos que testificavam a validade desse conceito na interpretação das experiências afetivo-sexuais vivenciadas pelas interlocutoras. Dito isso, sinalizamos que, ao mesmo tempo em que a cultura da pureza marca e reprime muitas mulheres - dentro e fora do âmbito religioso institucional -, em nossa pesquisa maior, tivemos acesso a outros relatos, nos quais mulheres evangélicas desigrejadas percebem a sua sexualidade a partir de uma leitura bíblica deslocada da ideia de pecado sexual.

represente uma série de rupturas, segue sendo afetada pela tradição da *cultura da pureza*.

## Referências

ALTHAUS-REID, Marcella. O direito a não ser direita: sobre teologia, igreja e pornografia. **Concilium: Revista Internacional de Teologia**, n. 298, p. 95-104, 2002.

BONETTI, Alinne de Lima. Antropologia feminista no Brasil? Reflexões e desafios de um campo ainda em construção. **Cuadernos de Antropología Social**. Buenos Aires, n. 36, p.51-67, 2012.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. Ensaio sobre a Noção de Poluição e Tabu. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

FOUCAULT, Michel. Tecnologias de si. **Verve – Revista do Nu-Sol**, n. 6, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2019a.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2019b.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III: o cuidado de si**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2019c.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade IV: as confissões da carne**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz & Terra, 2020.

GERUZA, Silvia. **Sexo entre a culpa e o prazer: um estudo do discurso evangélico brasileiro sobre a sexualidade**. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, (5), p. 07-41, 1995.

MELLO, Anahí Guedes de. **Olhar, (não) ouvir, escrever**: uma autoetnografia ciborgue. 2019. 186F. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

REDOMASCAST 72: **cultura da pureza**. Entrevistadas: Rachel Daniel e Silvia Geruza. Entrevistadora: Isadora Nascimento. Projeto Redomas, 14 jan. 2021. Podcast.

URIARTE, Urpi Montoya. O que é fazer etnografia para os antropólogos. **Ponto Urbe**, v.11, p. 1-13, 2012.